



A URBANIZAÇÃO DO CERRADO: ESPAÇOS INDOMÁVEIS, ESPAÇOS DEPRIMIDOS.

Eguimar Felício Chaveiro¹

Introdução

Uma interpretação espacial do Cerrado, que pretenda abordá-lo de maneira integrada, tem, por certo, a obrigação de enunciar algumas de suas principais características atuais: trata-se de um Bioma que abriga um dos mais importantes corredores produtivos da economia brasileira; radicam-se em seu território três capitais planejadas, Brasília, Goiânia e Palmas, entre as quais as duas primeiras são metrópoles; possui uma distribuição desigual da população no interior de suas regiões. Essa desigualdade é expressa em termos de diferença de PIB (Produto Interno Bruto) e renda nos seus diferentes lugares, assim como ecoa nas potencialidades e nos dinamismos desses lugares diante da economia globalizada.

Outras características se destacam. Tal como enunciou Silva (2008), o processo de uso e ocupação do Cerrado, diferenciado nas regiões, gerou uma alavanca de pressão sobre o ambiente. Essa pressão criou taxas de desmatamentos também diferenciadas nas regiões, estabeleceu novos usos dos componentes hídricos, restabeleceu a intensidade do uso do solo e redefiniu o sentido e o valor de sua rica biodiversidade. Mais que a incidência de pressões, reorganização dos lugares, sentidos e significação dos componentes naturais, trata-se de elevar a interpretação noutra escala: há de se pensar que o território cerradeiro participa, economicamente, das redes nacionais e internacionais comandadas pela sociedade global.

Ao pensar desse modo, outros aspectos merecem ser aludidos. A cultura dos povos cerradeiros, incluindo as suas festas, os modos de falar, a culinária, os modos de vida de povos indígenas e camponeses, os instrumentos de trabalho, os saberes, os sabores, os sons e o nível de circulação simbólica participam também – e decisivamente – das transformações, sofrendo fortes impactos (Almeida, 2005, 2008).

A terra ferida, a água contaminada, a população distribuída desigualmente, a renda fraturada, a economia diferenciada nas regiões, o sujeito desenraizado são características que demonstram um contraste: pelo critério das cifras e dos índices de produtividade, o território cerradeiro é um dos mais promissores economicamente no país. Isso exige que se pense o modelo de desenvolvimento que o dinamiza e que igualmente destrói sua biodiversidade. Ou então, que o proclama por meio de imagens que ressaltam a sua importância vital, mas o abate na forma de usá-lo. Em síntese: quanto mais o Cerrado se afirma enquanto território, mais é destruído enquanto Bioma.

Para cumprir os objetivos das reflexões que seguem, tomar-se-á uma das características que mais representam os sentidos das mudanças do uso e da ocupação do Cerrado desde a década de 1970 para cá: a sua urbanização. A interpretação que será feita terá como ponto de partida esse entendimento: a leitura integrada do Cerrado impõe aglutinar o quanto possível as noções de Bioma e Território. E quanto mais é alardeada a sua importância enquanto Bioma, mais se torna um objeto de disputas territoriais.

Sendo assim, ao assegurar que o Cerrado é um Bioma-território urbanizado, duas perguntas mobilizam o raciocínio: que tipo de urbanização decorre do uso e ocupação do Cerrado de 1970 até os dias de hoje? Que desafios essa urbanização sugere ao planejamento e às gestões?

¹Professor Associado do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Coordena a pesquisa "Terras Indígenas: território, cultura e acesso aos recursos naturais/ CNPQ/ UFG e Institut de Recherche Pour le Développement – IRD/ França.

A urbanização acelerada e a rede desigual

Uma inspeção rápida nos dados oficiais que mostram a situação das cidades inseridas no Cerrado sintetiza os efeitos do que os autores chamam de urbanização acelerada. A transferência rápida, vertiginosa e contínua da população rural para os espaços urbanos, mobilizada pelos ímpetus da modernização do território e da agricultura, nas últimas três décadas, mostra que o processo que gerou as mudanças implica no conteúdo da rede urbana que se formou por esse processo.

Os dados do IBGE sugerem que a região Centro-Oeste, identificada como a “região do pau torto”, possui um índice de urbanização maior que a do país. Percebe-se também que, entre as unidades federativas, Goiás é a que apresenta maior índice de urbanização, confirmando o ritmo acelerado. E ao apreciar a distribuição dos municípios por classes de população, verifica-se uma profunda concentração demográfica.

É evidente que a urbanização acelerada gerou uma rede urbana concentrada e desigual. Esse desenho não se detém apenas nas formas, no tamanho e nas relações das cidades e suas interações, mas em seus conteúdos. E implica fortemente nos desafios da gestão de suas cidades. A tendência é os grandes centros urbanos atraírem mais população e, portanto, aumentar as desigualdades; e as pequenas cidades perderem população, transformando-se em forças de retração.

Os centros urbanos que crescem demasiadamente passam a sofrer os problemas advindos do crescimento, desde os ambientais passando pelos estruturais, como a dificuldade na oferta de emprego, de moradia, de transporte até os existenciais, como o medo e a violência. Vão se tornando espaços indomáveis. E as pequenas cidades,

ao perderem a vitalidade social e econômica pelo balanço migratório negativo, tornam-se espaços deprimidos.

Para compreender mais os conteúdos sociais desse tipo de urbanização, devem-se pensar os seus fundamentos. Ora, à medida que essa urbanização resultou da modernização do território, consolidada na modernização da agricultura e na pecuária comerciais, a função das grandes cidades é a de organizar um terciário propício para abastecer as demandas dessa economia agrária moderna. E a função das pequenas cidades é apenas abastecer as relações em nível local. E cabe às cidades médias gerar uma “urbanização extensiva e mirada ao circuito econômico agrícola”. Como “cidades do campo”, que concentram a renda bruta gerada especialmente pelo agronegócio, os seus tempos e espaços são hibridados: palcos dos novos ricos, elas comungam com práticas de sujeitos tradicionais. Ligadas às bolsas internacionais possuem uma vida local amena. Como se fossem “a cara do mundo” não deixam de apresentar as figuras do local. E das ameaças em não se inserir no mundo da rapidez – e dos negócios além-mar.

No caso específico de Goiás, a eleição dessas cidades pelas políticas públicas e pela intervenção do Estado para serem lugares do desenvolvimento econômico ocorre mediante a sua posição diante das regiões hegemônicas do país, notadamente em relação à região sudeste. A posição, enfeixada na faixa meridional do Estado, se junta à capacidade de unificar logística espacial com um solo passível de ser corrigido e com um relevo que faculta a ação da produção mecânica. De modo que ciência, economia e ambiente se determinam mutuamente.

Centros em torno dos quais gravitam o território do agronegócio – e dos grandes investimentos em pastagens, essas cidades passam a polarizar os pequenos municípios do seu entorno como se formassem, junto a eles, auréolas manchadas de pequenos pontos por meio da oferta de universidades, de serviços médicos e odontológicos, de empregos, etc. Esse terciário mediano materializa-se em fluxos diários e/ou intermitentes num ir-e-vir das pequenas às





médias cidades. Desenha-se por essas legendas urbanas uma rede dispersa em que pouca relação há entre, por exemplo, a cidade de Rio Verde, no Sudoeste, e Minaçu, no Norte goiano. Embora ambas façam elos com o mundo global por via de sua economia, a rede em que participa as separa.

O sumo é: há uma nova relação cidade/campo no Bioma-Território Cerradeiro que demanda a ação da pesquisa cada vez mais integrada. O grau complexo e os variados problemas que originam da urbanização desafiam, igualmente, a ação dos gestores e dos planejadores. O desafio é também peça central para a implementação da lucidez e de seu correlato fundamental: a formação de uma consciência do lugar e do mundo que seja capaz de captar a densidade histórica dos espaços.

Referências

ALMEIDA, M. Geralda. *Tantos Cerrados*. Goiânia: Vieira, 2005.

_____. Diversidade paisagística e identidades territoriais e Culturais – Brasil Sertanejo In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). *Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Vieira, 2008.

SILVA, Elaine Barbosa. *Taxas de desmatamento anuais no Bioma cerrado: uma análise a partir de dados modis para o período de 2003 a 2007*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal de Goiás, 2008.

RIO VERDE (GO) – UM EXPOENTE DO AGRONEGÓCIO NO CERRADO¹

Gislene Margaret Avelar Guimarães²

As áreas de Cerrado no Brasil vêm sofrendo drástica redução desde a década de 1970 devido, principalmente, à expansão da fronteira agrícola, impulsionada por políticas públicas de incorporação desse bioma às atividades produtivas. Na região Centro-Oeste, a construção de Brasília, na década de 1960, a concretização de obras de infra-estrutura, os Planos Nacionais de Desenvolvimento/ PND I e PND II, o Programa de Desenvolvimento do Centro Oeste (POLOCENTRO) e o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER e PRODUIZIR) foram elementos decisivos nessa incorporação.

O PRODECER, instituído em 1975 com o objetivo de incorporar, num período de quatro anos, cerca de 3,7 milhões de hectares de cerrados na produção agropecuária, beneficiou particularmente o Estado de Goiás e, dentro desse, a microrregião Sudoeste de Goiás. Ao todo, foram incorporados, aproximadamente, dois milhões de hectares, 42% dos quais, no Sudoeste de Goiás.

Rio Verde, pertencente à microrregião Sudoeste de Goiás, é um dos municípios mais antigos do estado, criado em 1854. Com características favoráveis de relevo, solo e clima, suas atividades econômicas sempre estiveram ligadas à agropecuária e, mais recentemente, à agroindústria. No processo de expansão da fronteira agrícola, tornou-se expoente em Goiás e no Brasil na produção agropecuária e no agronegócio.

¹ Texto elaborado a partir da tese *Agronegócio, desenvolvimento e sustentabilidade: um estudo de caso em Rio Verde – GO*, desenvolvida pela autora no âmbito do Programa de Doutorado em Ciências Ambientais / CIAMB – UFG, sob orientação das Professoras Doutoras Agustina Rosa Echeverría e Francis Lee Ribeiro.

² Gislene Margaret Avelar Guimarães. Bióloga, Doutora em Ciências Ambientais/ CIAMB-UFG (gisleneavelar@brturbo.com.br). Professora da Rede Municipal de Educação de Goiânia/ GO.